

Procu-ro-te na origem das raízes!
Procu-ro-te no início da semente:
– antes que germinaste, de repente,
nesse acesso de aromas e matizes.

Ah! procuro-te quando eras somente
suspiro, anseio, vibração... ah! dizes
como agrupaste, as células matrizes,
nesse efêmero sonho recendente?

Ah! penetrar na tua textura:
nos músculos, nos vasos, na nervura,
no íntimo essencial de teus tecidos!

e descobrir a fonte que origina:
a seiva que te escorre cristalina,
e a dor de teus espinhos renascidos...

Pompílio O. Vieira, O Enigma da Rosa; em
Revista da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador,
1999 – n.º 1, I Concurso Nacional de Poesia

A pé os dois discípulos de Buda,
um velho e um jovem, seguem pela estrada.
Junto a um regato, a lhes pedir ajuda
para vadeá-lo, a moça vêem parada.

Ao ver a moça, o jovem monge muda
o seu semblante. O encontro o desagrada.
Fizera um voto e nele, então se escuda,
pois com mulheres ele não quer nada.

Às costas pondo a moça, o velho monge
transpõe o riacho. Quando ela ia longe,
o jovem censurou do velho o ato.

E o velho diz: “Censura-me? Pois ouça:
você vem carregando aquela moça
após atravessarmos o regato”.

Ziver Ritta, Uma Parábola Zen, em
Fanal 0202

É sorrateira... chega de improviso.
Não há ninguém que a queira ou que a cobice!
Tento aceitá-la... sinto que é preciso
pois, expulsá-la, eu acho que é tolice.

Não bate à porta... entra sem aviso.
Põe em meu rosto triste, tal meiguice!
E me faz calma... abrandando o meu sorriso
me dá também um quê de críancice.

Mas, não vem só... me traz esta saudade
e a nostalgia desta dor que invade
meu coração e nele se encarcera.

Pondero bem... e ao discutir comigo
refaço sonhos e, feliz, lhe digo
“Entre, velhice... estava à sua espera!”

Therezinha Dieguez Brisolola, em
O Desafio, 0204

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano 6, Nº 07 – 2002, JULHO
Assinatura até Dezembro de 2002: 5 selos postais de R\$ 0,40

Por estranhas preteridas,
no auge de sua beleza,
nas estantes, esquecida,
chora a Língua Portuguesa...

Se alguém brigou por amor,
ou é ciúme ou intriga...
Quem ama não tem rancor,
e por amor ninguém briga!

Mar e amor... triste igualdade
nos caprichos e ironia:
em ambos, a tempestade
vem depois da calmaria.

Heribaldo Gerbasi, em
BI IBT São Paulo 0206

Entre os percalços da vida,
entre dores tão tamanhas,
só encontrei a fé perdida
no sermão... o da Montanha.

Só se conquista o sublime
tão real como a verdade,
quando algo em nós nos íntimo
agir com simplicidade.

Descansa em paz nesta tumba
a esposa do macumbeiro,
que a surpreendeu na macumba,
baixando em outro terreiro.

P. de Petrus, em
Milênio 0108

“Mais son probe, ¡mal pecado!,
a miña terra n’ é miña,
que hastra lle dan de prestado
ó que nacéu desdichado.

[.....]
¡Adiós tamén, queridíña...!
¡Adiós por sempre quizaís...!
Digoche este adiós chorando
desde a beiriña do mar.
Non me olvidés, queridíña,
si morro de soídás
tantas légoas mar adentro...
¡Miña casaña!, ¡meu lar!”

“¿Qué pasa ó arredor de min?
¿Qué me pasa que eu non sei?”

“¡Mar!, cas túas auguas sin fondo,
¡ceol!, ca túa inmensidá,
o fantasma que me aterra
axudádemme a enterrar.”

“Triste é o cantar que cantamos,
¿mais qué facer
si outro mellor non hai?”

“Era apacible el día
y templado el ambiente,
y llovía, llovía
callada y mansamente;
y mientras silenciosa
lloraba yo y gemía,
mi niño, tierna rosa,
durmiendo se moría.”

“¡Llorar! ¿Por qué?
Fortuna es que podamos
abandonar nuestras humildes tierras;
el duro pan que nos negó la patria,
por más que

los extraños nos maltraten,
no ha de faltarnos en la patria ajena.”

“Y los hijos contentos se sonrían,
y la esposa, aunque triste,
se consuela

con la firme esperanza
de que el que parte
ha de volver por ella.
Pensar que han de partir,
ese es el sueño

que da fuerza en su angustia,
a los que quedan;
¿cuánto en ti pueden padecer,
oh patria!

¡si ya tus hijos sin dolor te dejan!”

Rosalía de Castro de *Murguía*
(21.02.1837 – 15.07.1885), em *Historia da Literatu-
ra Espanhola e Hispanoamericana*, Volume VI,
Ediciones Orgaz, Madrid, 1980.

Ignorante
do que quero,
tenho seguido
evitando
o que abomino
— o que me fadiga,
o que me fere,
me adoece
ou tira o viço.
Assim, na vida,

em que pese
o que se me impôs
de sacrificio,
não me faltou gozo,
e sorriso;
e assim, minha vida,
em que pese
o aparente desalinho,
adquiriu até um certo
contorno definido.

Ovillojo. *Lit.* Combinación métrica
compuesta de 10 versos en que
alternan tres octosílabos con tres
quebrados, rimando dos á dos, y
termina por una redondilla cuyo
último verso recoge los versos que-
brados. La caprichosa estructura del
ovillojo que le conviene en una de
esas combinaciones poéticas seme-
jante á las acrósticos, hace que sea de
poco uso y que, en general, haya sido
desdénado por los verdaderos poetas,
siendo dignos de mención, entre
otros ejemplos, los tan conocidos de
Cervantes (1547-1616):

¿Quién menoscaba mis bienes?
Desdenes.

¿Y quién aumenta mis duelos?
Los celos.

¿Y quién prueba mi paciencia?
Ausencia.

De ese modo en mi dolencia
ningún remedio se alcanza,
pues me matan la esperanza
desdenes, celos y ausencia.

¿Quién me causa este dolor?
Amor.

¿Y quién mi gloria repuna?
Fortuna.

¿Y quién consiente mi duelo?
El cielo.

De ese modo yo recelo
morir deste mal extraño,
cuando se aunan en mi daño
amor, fortuna y el cielo.

¿Quién mejorará mi suerte?
La muerte.

Y el bien de amor ¿quién le alcanza?
Y sus males ¿quién los cura?

Locura.

De ese modo no es cordura
querer curar la pasión,
cuando los remedios son
muerte, mudanza y locura.

Enciclopedia Universal Ilustrada Europeo-
Americana Espasa-Calpe, S.A., Madrid, 1968

Ovillo um novoelo Fig. rolo, nó, coisa enrolada.
Coloq. hacerse un ovillo; enrolar-se, atrapalhar-se.

Praia Grande, apartamento térreo. Um corredor
comprido ligando sala, cozinha, dois quartos e
banheiro. As janelas, são de grades (tempo
houve que não tinham).

Certa manhã, um filhote de pássaro atravessou-
s pela cozinha e, qual um bólido, foi até o fim
do corredor.
No chão, dando meia volta, postou-se de frente
a mim no outro extremo. Olhamo-nos, creio eu.
Breve momento e o mesmo caminho de volta
reto e rápido. Brevetado.

No primeiro vôo,
filhote aflito no chão.
O ninho lá em cima.

Blusões. Luvas. Malhas.
O sol sob um cachecol
azul se agasalha.

A sós, conversando...
Suave é a voz... Atenta,
uma ave o está escutando...
São Francisco

É paz. Refrigério.
Da mão para o coração.
Gosto de mistério.
Hósta

Não a da cisterna.
Aquela que nos revela,
beber vida eterna.
Água Viva

Cego. Contrito ora.
No coração a visão
de Nossa Senhora.
Éxtase

Na mesa oração,
comê-lo sem entendê-lo,
farta o coração...
Pão Vivo

Mãos postas. Confiança.
Santa Teresinha imanta
a alma de esperança.
Devoção

Taça de amargura.
Deus testa no Filho seu,
a humana criatura.
Horto das Oliveiras

Cyro Armando Catta Preta, de Sazões Fugazes e Rosa Rosário – 0203;
Gráfica e Editora Folha de Orliândia Ltda., Fone 0 16 3826-1606 – E-mail:
folhadeorlandia@netstate.com.br
Rua 8 nº 934, Centro
14620-000 – Orliândia, SP

Se há nesta vida um Deus para os acasos
e pela humanidade o bem reparte,
que te dê da Fortuna a melhor parte,
que venturas te dê sem lei, nem prazos,

eu de alegria, tenho os olhos rasos
de lágrimas, querida, ao vir brindar-te,
quando vejo que, até para saudar-te,
as flores se debruçam pelos vasos!

O meu brinde é sumário, curto, breve.
Se a um nome que se quer, quando se escreve,
quebra-se a pena em traços ideais,

um anjo como tu, quando se brinda,
têm-se a missão cumprida e a festa finda:
quebra-se a taça, não se bebe mais!

Segundo o Thalma Tavares, este soneto há cerca de dois anos foi publicado
pela revista Literas, da Academia Riberiãopretana de Letras com o título
Brinde à Vida e de autoria de *J. Wilson Sexas Santos*. Por sua vez, Walter
Rossi selecionou-o da Pequena Edição Sonetos Brasileiros 1915, de
Laudelino Oliveira Freire (1873-1937) com o título *Brinde de Honra*, de
autoria de *Américo Moreira*. Favor anotarem.
SF 0205

“Conheço este belo soneto há mais de quarenta anos. Inicialmente
publicado num encarte da antiga revista *Idílio* e depois em outras
publicações. Eu o disse certa vez, com o ar dos jovens apaixonados,
à uma jovem que festejava na ocasião os seus 17 anos e de quem
eu andava enamorado. Lembro-me bem de que, ao final do soneto,
para dar um tom de autenticidade à declamação, quebrei na borda da
mesa a taça com a qual me servira. A moça me agradeceu o brinde
com um brilho diferente nos lindos olhos verdes. Mas minha *perfor-
mance* não agradou a todas as pessoas, especialmente à mãe da
homageada que me olhou como se eu fosse um vândalo, certamen-
te

A cruz se arrastada
é fardo pesado. É nardo
levada abraçada.
Opção

Festa. Luz. Presentes.
Mas o Dono ao abandono,
à margem, é ausente.
Natal

Boi. Burrico, ovelha.
Jesus faz a treva em luz.
Um pastor se ajoelha...
Presépio

Assinalando o ombro,
a Cruz que cada um conduz
é luz ou escombro.
Variação

Saber escolher
o chão onde vai o grão
é farto colher...
Semeador

Graça. Sedução.
A dança é a mão de vingança
que degola João.
Salomé

É bom atentar!
Quem recebeu, esse tem
contas a prestar!
Talentos

A multidão cega,
íngrata, o ídolo idolatra
e o Senhor renega.
Bezerra de Ouro

“Tenho medo de mim...
Do silêncio,
da espera,
da noite.

Das sombras...
de um grito perdido.
Dessa calma cerrada,
dessa hora sem tempo.

Tenho medo de tudo.
Enfim...
tenho medo
até de ter medo!”

Sônia Barreto, Medo

“Tudo é feio!
Tudo implicam!
O que eu faço
é condenado
dizendo

que a minha idade
não permite certas gafes.
Os meus erros
não perdoam,
minhas faltas
não relevam.

Quem é que
faltas não as tem?
Todos
tem erros também...
Sou criança

quando querem,
sou grande
quando lhes convém.”

Implicância, Sônia Barreto
...A maior parte tem excesso de
reticências... 10 ou 12 estrofes
e a pontuação quase inexistia.
Tive que “revisá-los!”
Nato Azevedo

Por que me impões
o que sabes
se eu quero aprender
o desconhecido
e ser fonte
em minha
própria descoberta?...

Não quero a verdade
dá-me o desconhecido.
Como estar no novo
sem abandonar o presente?
Não me instruas
deixa-me viver
vivendo junto a mim.

Deixa que o novo
seja o novo
e que o trânsito
seja a negação do presente;
deixa que o conhecido
seja minha libertação
não minha escravidão...

Revela-te para que,
a partir de ti, eu possa
ser e fazer o diferente;
eu tomarei de ti
o supérfluo, não a verdade
que mata e congela;
eu tomarei tua ignorância
para construir
minha inocência.

Humberto Maturana,
Oração do Estudante, em
Ecopedagogia e Cidadania Planetária
(Francisco Gutiérrez/Cruz Prado):
Instituto Paulo Freire, 1999

Na tarde imóvel
seus cabelos
balançavam
dentro da cabeça
havia vento.
Cláudio Alves
Milênio 0108

“Lembrar de ti?
Só em sonho!”
eu disse. Mas
não dizia
que, sonhador,
o meu sonho
eu sonho
também de dia!

Eno Teodoro Wanke

A fresta do muro
é suficiente. Cabem:
a lua e o sol poente.
Sonia Pereira, Resistência

Tua madrugada
irrompe em mim
madrigais tímidos
e gerânios matutinos
enquanto beijas a boca da noite
eu me contento
em destilar sentimentos
na varanda dos teus medos.
Diracy Vieira, Murmúrio

Um deus me abriu a porta
e outro a fechou,
por que vãos e vias tortas
vou para onde não vou?

Um anjo vou como
entre as constelações,
mas que adiantou ter
voado

entre duas solidões?
Que alma tão transparente
em que tudo se traspassa!
O vero que é mentira
e o mais que é só trapaça.

Que deus mesmo me falou,
qual o que me mentiu?
Sou eu que me calou
ou fui eu que me ouviu?
Aníbal Augusto Gama,
Os Dois Lados da Porta, em
OESP Cultura 020609

Quanto são os versos?
Quantos são os grilos?
Versos sem grilos?
Grilos em versos?
Grilados versos?
Rimados grilos?
Jairo de Matos, Grilos

TEMAS DA SAZÃO



(QUIDAI)S INVERNO

Flores de alecrim no jardim de meu quintal, perfumam meu quarto. Alison Cardoso de Oliveira	O potro galopa escocica e empina... Éh... vaquejada! Guim Gá	Prédios em silhueta destacada pelo sol. Manhã poluída. Manoel F. Menendez
Vê-se da janela, o cinza tomada a tarde... Árvores desmanadas. Antônio Seixas	reunim cá na fazenda. Gados perfilados! Haroldo R. Castro	a meninada quer mais pitangas-da-praia. Marcelino R. de Pontes
Construindo casa quarto no lugar da árvore. Última néspera. Carlos Roque B. de Jesus	Pobre coitado! mendigo de gravata. É Dia do Bancário. Hervélio Durso	Vivo micium! um tão pequeno acaridão... punge agudamente. Maria App. Picanco Goulart
Junto ao leito seco do rio a ossada de um jegue. Ninhal de urubus. Daryl O. Barros	Na tarde findando, solta ao vento, a folha seca evoca tristeza. Hermoclydes S. Franco	Gado reunido, o inverno a findar... Ah! Vaquejada. Maria Helena C. S. Staueira
Disparada a vaquejada, de laço na mão. Dercy de Freitas F	é Dia do Motorista e de São Cristóvão. Héron Patrício	da janela da cabana. Neve silenciosa. Nadyr Leme Ganzert
Que inverno mais frio! Todos bem agasalhados: sopra o minuanu. Djalda Winter Santos	A seca estúpida sente na própria corrente o rio minguante. João Elias dos Santos	A festa acabando! O prêmio no pau-de-sebo, só ano que vem. Olga Amorim
Solidão no inverno... em meio aos flocos de neve aquece a saudead. 48 Edmar Japissá Mata	As flores dos brócolis são levadas pelo vento à lombada de couves. José N. Reis	Abriu-se o curral; é hora da vaquejada. O gado se agita. Olga dos Santos Bussade
O saquinho, o cão, dançando conforme a música no ringue... Ercy M. M. de Faria	Padres abençoando: Berrantes. Cães em ação. Vaquejada atival! Leonilda Hilgenberg Justus	Feliz por revê-la E a brisa, brisa amiga trazendo o perfume!... Olíria Alvarenga
Família de acacés, em festival de coceira... micium agindo! Fernando Vasconcelos	Garotada inteira sorrיתהira na porteira vendo a nespereira... Luís Koshiro Tokutake	Esperto e humorado, o garoto chega ao topo. Ri no pau-de-sebo. Roberto Resende Vilela
Ao chegar da escola menino corre à panela: –Acela! Oh, não! Franciella Silva	Lenta, a lua vendo: fria espuma em prata brilha prata nua ao vento... M. U. Moncam	A brisa, ao passar, deposita folhas mortas... Dia do Bancário. Santos Teodósio

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.07.02, quigos à escolha: Dia de Santo Antônio, Figo, Louva-a-deus.

Remeter até 30.08.02, quigos à escolha: Bonina, Celeiro Rico, Noite Estrelada.
Cada haicu deve ser como um instantâneo diante do quigo (palavra da sação). Evitar ao máximo pois, todo o texto impossível de ser revelado numa fotografia.
Sobre os trabalhos remetidos, quando necessário, orientaremos visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção do haicu. Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

- 1- Preencher até três haicuz, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinónimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinónimos referentes à *natureza*.
- 2- Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicuz desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de seleccionar 10% deles.
- 3- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuista seleccionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicuz cujo autor deixar de votar.
- 4- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVO À OCIDENTAL * – TREVO PERSONAGEM*

- | | |
|--|---|
| 1- Cigara estridente,
um muro verde e vermelho ostentando hibiscos.
Alba Christina | 2- Dentro uma folha seca dez anos depois.
Hervélio Durso |
| 3- Lágrimas do céu * em neves resplandecentes praticando o universo.
Alison Cardoso de Oliveira | 4- Sigo pela estrada * ninguém caminha comigo.
Sou a folha seca.
Djalda Winter Santos |

HAICUS EM FOLHA



Lenço na cabeça. Sob a luz do sol nascente, colheita de arroz. Renata Paçolla	Colheita de arroz – um bando de aves, persegue o velho tractor. Maria Regina Labruciano	O sol se despede quando regressa a jangada, cheia de robalos. Elen de Novais Felix
No jardim junto às janelas florescem hibiscos. Walma da Costa Barros	sobre a ondulada planície... Colheita de arroz! Amália Marie G. Bornheim	Passarinhos fazem festa. Colheita de arroz. Analice Feitosa de Lima
Família reunida, pés no terreno alagado... Colheita de arroz. Elen de Novais Felix	As flores de hibisco brotam e posam nos galhos, como borboletas... Amália Marie G. Bornheim	Através da grade escapa uma flor de hibisco – para a mão da criança. Maria Regina Labruciano
Os pendões dourados prometendo mesa farta. Colheita de arroz. Regina Célia de Andrade	Moça sorridente a correr, leva consigo braçadas de hibiscos. Walma da Costa Barros	Na ponta da linha, robalo se debatendo. O sol vira o rosto. Regina Célia de Andrade
quebra o sono dos hibiscos e acorda o jardim. Elen de Novais Felix	em terreno alagado!... – Sementes de vida! Humberto Del Maestro	balança sem qualquer vento. Passarinho arisco... Sérgio Serra
Com seus brilhos brancos, passa, solene, o robalo acinzentando a água... Amália Marie G. Bornheim	Uma cerca viva, um canteiro vertical: – hibiscos floridos. Maria Madalena Ferreira	Os chapéus chineses. As colheidas de arroz no calor se abanam. Amauri do Amaral Campos
Festa na lavoura: depois de muito trabalho, colheita de arroz. Cigara estridente, Regina Célia de Andrade	Desfaz num estalo modorra do pescador branqueito sorrindo! Fernando L. A. Soares	Colheita de arroz, caçambas abarrotadas... colheidor sorrindo! Anita Thomas Folmann
Em vez de muralha um muro verde e vermelho ostentando hibiscos. Alba Christina	Homens com ancinhos. Montes de arroz espalhados. Termina a colheita. Cecy Tupinambá Ulihoa	Um ramo de hibisco vai no meio do arrozal buscando alimento. Roberto feliz Alba Christina
Um garçom serve robalo. Restaurante cheio... Analice Feitosa de Lima	Sobre o lamaçal montes de espigas douradas! – Colheita de arroz. Maria Madalena Ferreira	Hibiscos viçosos. Misturando-se com as folhas ganhanhos verdes. Analice Feitosa de Lima
No meio do verde amarelo e rosa dançam: vento nos hibiscos. Alba Christina	Campo do oriente. Família trabalha unida. Colheita de arroz. Renata Paçolla	Primeiro um robalo, depois, bonito cardume. Boa pescaria! João Batista Serra

O F R U T O P R O I B I D O

Luiz Caramze Júnior, em O Beijo – Antologia, 1998: Casa do Novo Autor, Fone 0.11 6914-2723, Rua Vieira de Almeida 461, Sala 14, Ipiranga, CEP 04268-040 – São Paulo, SP; casadonovautor@uol.com.br

Orlandino Peixoto Filho é um homem como outro qualquer. Bom, na verdade existe um detalhe a respeito deste conceito de “ser um homem como outro qualquer” que não sei o quanto fará diferença nos critérios de você, leitor. O fato é que em toda a sua vida, até o presente momento em que escrevo estas linhas juramentadas, Orlandino Peixoto Filho nunca beijou ninguém. Ninguém mesmo. E não estou falando só daqueles beijos cinematográficos, quilométricos, exuberantes excitantes e tantos outros antes; falo também de simples beijos, os de esticar os lábios unidos e provocar, numa pequena contração, um som de estalo. Desses que criança ganha da mãe antes de entrar na perua escolar. Um beijo inocente, despretenso, espontâneo. Nada, nada de nada. Parece exagero, mas até onde sei e posso confirmar, nunca beijou. Os mais antigos contam que isso é de família: o pai, Orlandino Peixoto, era contra filho seu fazendo biquinho para quem quer que seja. Cheirar, fungar cangote, isso eles podiam. Beijar não. Coisa anti-higiênica.

E foi assim que Landinho cresceu – Landinho é como vamos chamar Orlandino Peixoto Filho a partir de agora; primeiro, porque é assim que ele é conhecido na cidade; segundo porque Orlandino Peixoto Filho é um nome bem mais comprido do que Landinho, e, assim, economizo nas linhas. Mas, voltando ao assunto, foi assim que Landinho cresceu: sem beijar. Quando criança,

até que isso parecia não ser problema para Landinho. Como passava a maior parte do tempo brincando, não pensava em beijar. E como vivia sempre encardido de sujeira até o pescoço, ninguém fazia questão de beija-lo. Com o passar dos anos, as coisas mudaram: Landinho cresceu, passou a tomar banho, e se fez rapaz bonito, daqueles de balançar com os remexos das mulheres de Saragolândia.

- Olhe lá, Etelevina. Não é Landinho?
- E eu num sei? De longe já dá pra senti o cheiro desse homem.
- Isso num é homem: é um canto de boto em noite de lua cheia. Ai... só de pensá que nenhuma rapariga sentiu o gosto dos lábios dele...
- Deixe estar, Edileuza. Ainda faça esse homem olhá pra mim com as ventas em fogo.
- Que cê vai fazê? Tacá-lhe feitiço?
- Tu sabe qui eu num só mulher de fazê isso. Mas mando alguém fazê...
- Íxi! E quem que tu conhece que tem parte com o coisa ruim?
- Ah, isso eu descobri... Tarde, Landinho...
- Tarde, Etelevina. Tarde, Edileuza. Cês tão bem?
- Tamo – falaram em uníssono.

E lá se foi Landinho. Era sempre assim: passava em meio aos mexericos e suspiros das mulheres já feitas de Saragolândia, interrompidos apenas para que pudessem cumprimentá-lo. Mas também Landinho nunca parava, só passava.

Passava meio avoadado, meio distraído, pensando na morte da bezerra. Seu olhar era penetrante, até provocante. Mas não intencional. Não entendia indireta nem provocação. Sempre na sua, parecia um vulcão de sensualidade adormecido. A espiritualidade de uma criança inocente habitando o corpo de um amante apolíneo. Essas impressões provocavam nas mulheres curiosidade e ansiedade. Aos poucos começaram a surgir histórias, algumas transformadas em lendas. Como a de que em noites de lua cheia Landinho se transformava em névoa, visitando os sonhos de todas as mulheres da cidade. Aquela que no momento da visita estivesse com sonhos puros, seria beijada por Landinho. O difícil era essas mulheres terem sonhos puros. Bem que tentavam. Outra história era de que Landinho não podia beijar porque era filho de Mata Virgem. E por ser filho da Mata Virgem, não podia beijar – confesso que, de todas as lendas e mitos que criaram em torno de Landinho, essa era a menos convincente e explicativa. O fato é que algumas mulheres mais ousadas da cidade decidiram acabar com todas essas histórias.

- ***
- Já está tudo arranjado. Ele costuma tomar banho no riacho toda quinta.
- Quando ele sair da água, a gente agarra.
- Eu quero ser a primeira – disse a mais assanhada.

– Só se for por cima do meu cadáver – falou Etelevina, a líder do grupo e mentora do plano.
– É isso aí. Etelevina deu a idéia, vai sê a primeira – disse Edileuza, com o firme propósito de ser a segunda nessa história toda.

Landinho, o fruto proibido, acabara de sair do riacho e deitara à margem para descansar. Sono-lento, sentiu que era observado. Ao abrir os olhos vislumbrou seis mulheres de pé, ao seu redor, totalmente nuas. Notou que estava dentro de um grande círculo, confeccionado com penas de galinha. Não conseguia se mexer – sem forças, estático, não esboçava nenhuma reação. Começou a ser tocado, afagado, beijado, lambido. Foi aí que deu sinal de vida: uma ereção que, para surpresa e alegria dessas mulheres, revelou outro potencial de Landinho.

Após esse dia as coisas mudaram um pouco em Saragolândia: as mulheres não suspiram mais quando Landinho passa, nem Landinho carrega mais aquela aura de fruto proibido. O rapaz, que provocara tantos desejos e pensamentos indecorosos, já sabia beijar – e bem. Quem quiser comprovar, basta dar um pulinho no riacho toda quinta, fim de tarde, e esperar a vez. Ah, ia esquecendo: Landinho, ex-fruto proibido, cobra agora vinte reais a meia hora, se a pretendente levar a camisinha.

C O N T O S D E I S E (I S E M O N O G A T A R I)

Autor(es) Desconhecido(s). Poemas originais de meados do Século X em tanças (5-7-5-7-7), Conto IV; texto adotado Den-Teika-hippon de Fujiwara no Sadaie (1162-1241). Em muito dos contos o personagem é Ariwara no Narihira (825-879), Edições Paidós Ibérica, Barcelona, 1980

Uma vez, em Gojô do Este, uma pessoa se alojava no pavilhão do Oeste do palácio da imperatriz viúva. Ainda sem ver nisso o fim essencial de sua vida, um homem a frequentava assiduamente. Ao décimo dia da primeira lua, ela desapareceu repentinamente. O homem soube onde ficava, mas como esse era um lugar que não podia frequentar, vivia sumido em penosos pensamentos. Na primeira lua do ano seguinte, quando as ameixas se achavam em plena floração, o homem voltou a Gojô para recobrar as queridas recordações do ano anterior. Olhava de pé, olhava sentado, mas nada se parecia ao que havia sido. Enquanto chorava ardentes lágrimas, deitou-se sobre as tábuas espessas até que a lua se ocultou atrás do horizonte e, enquanto rememorava o passado, compôs:

A lua não é a mesma, já não é a primavera a primavera passada. Eu, somente, não mudei.

Esses são os versos que escreveu. Quando surgiu a aurora, chorando, chorando, retirou-se.

